

# O Diário do Zezinho (9)

## O medo dos estranhos



M. PEDRO FREITAS

**A**o aproximar-se o meu sexto mês de vida, comecei a ter uma sensação estranha, que antes não sentia. Comecei a ter medo das pessoas, não só daquelas que antes não conhecia de parte alguma como também daquelas que, apesar de conhecer, não estavam comigo diariamente. Imaginem que até comecei a ter medo da minha avó Teodolinda, a mãe do meu pai. É verdade que ela não vive connosco, mas depois do meu nascimento todas as semanas vinha à nossa casa. Um dia destes desatei aos berros quando ela me pegou ao colo. Coitada da velhota, com o desgosto e tristeza “de eu já não gostar dela” até lhe veio uma lágrima ao olho.

Mas isto não acontece só com ela. Acontece também com outras pessoas, o que não só as deixa tristes, como à minha mãe, que como resposta lá vai dizendo: “*Ele agora está a estranhar!*”

Mas a verdade é que comecei a ter medo das pessoas que não estão comigo diariamente. Não sei se é da idade, se estou louco ou se é de tanto ouvir falar em pedofilia e da necessidade que as crianças têm de se proteger.

É claro que, passado algum tempo, depois de ter a certeza que ninguém me irá fazer mal, consigo vencer o medo e ser sociável. Bem, mas nem tudo são desgraças. Nem imaginam a quantidade de descobertas e coisas que agora, aos seis meses, já sou capaz de fazer.

Para além das mãos, que descobri aos três meses, por volta dos cinco meses e meio descobri os pés e, tal como fazia com as mãos, farto-me de os levar à boca.

Há dias também consegui estar quase cinco minutos sentado, sozinho. Pelo andar da carroça, não demora muito e estou a pôr-me de pé! Aliás, toda a gente diz que nunca fui tão esperto, simpático (para quem eu conheço) e engraçado como agora.

Bem, voltando às mãos e aos pés, lembrem-se de eu dizer que por volta dos três meses comecei a babar-me muito e a morder não só as minhas mãos, mas também as dos outros e tudo o que apanhasse pela frente? O facto de morder toda aquela porcaria dava-me imenso prazer e aliviava-me de um certo desconforto que sentia nas gengivas. Imaginem que até preferia meter na boca e morder a base plástica da chupeta do que a própria chupeta!

Ainda que algumas pessoas que assistiam à minha obsessão e avidez para morder coisas duras atribuíssem-na à proximidade da erupção dos meus dentes, não liguei muito. Aliás, o pediatra uma vez referiu-se a esse assunto dizendo que era normal eu babar-me e morder objectos duros e que, apesar deste fenómeno se iniciar por volta dos três meses, só aos seis é que os dentes habitualmente romperiam.

Contudo, o tempo foi passando e, enquanto que no princípio andava a mendigar uma coisa dura para meter nas minhas gengivas, tal como “cão à caça de osso”, em determinada altura, entre os cinco e os seis meses, comecei a ficar farto, tantos eram os dedos que me metiam na boca. Ainda que nunca tivesse rejeitado a oferta, a verdade é que

comecei a ficar com a pulga atrás da orelha. Porquê tanta insistência em me colocarem os dedos na boca? Por que é que os dedos umas vezes não tinham sabor a nada, mas outras tinham sabor a sabão, a pimenta, enfim, por que é que existiam dedos para todos os sabores?

Ainda que tivesse queimado alguns neurónios para descobrir as respostas às minhas interrogações, no dia do aniversário da minha irmã, sem fazer qualquer esforço, acabei por desvendar todo o mistério. A casa encheu-se de convidados e toda a gente começou a perguntar se já me tinha nascido ou não o primeiro dente e, antes de obterem resposta, lá enfiavam o dedo na minha boca. A resposta à primeira pergunta estava dada: metiam o dedo para ver se já me tinha nascido o primeiro dente!

A resposta à segunda pergunta surgiria logo a seguir. Descontente com tanta dedada, a minha mãe, com o argumento de que eu necessitava de comer, retirou-me das garras dos convidados e levou-me para o meu quarto. Pelo caminho, dirigindo-se a mim lá ia dizendo: “*estes gajos são uns porcos, andam com as mãos não sei onde e agora, sem as lavar, andam a metê-las na tua boquinha! Coitadinho!*”

Estava assim explicado o porquê da insistência em me meterem os dedos na boca e a questão dos seus diferentes sabores. Por explicar ficava ainda a curiosidade em saberem se já me tinha nascido ou não o primeiro dente!

Sem resposta para esta nova pergunta, lá voltei à queima dos meus neurónios e, passados dois dias, acabei por a descobrir.

Afinal, já sabia da resposta havia algum tempo e tinha-a ouvido da boca da minha avó, numa altura em que a minha irmã, também insistentemente, metia os seus dedos na minha boca: “*Olha que quem descobrir o primeiro dente do Zezinho tem de lhe oferecer um fatinho!*”

Só não percebo é por que as pessoas insistem em descobrir o nascimento do meu primeiro dente! Se isso lhes desse direito a receber um prémio, ainda era compreensível! Agora fazê-lo para entrar em despesas, só de loucos!

A propósito dos dentes, começo a ser da opinião do meu pai. Tal como as galinhas, o Homem não deveria ter dentes. Se assim fosse, não só deixava de ouvir as suas queixas relativamente à fortuna que deixa no dentista, sempre que lá vai, como evitava o desconforto que sinto nas gengivas e o rodopio de entrada e saída dos dedos, de toda a gente, na minha boca.

Entretanto, como fiz seis meses, a minha mãe levou-me ao pediatra.

Nem imaginam o berreiro que fiz quando vi aquele “velho barbudo”. Minha mãe, perante esta reacção, ficou bastante atrapalhada e então desculpou-se dizendo que eu nesse dia estava rabugento por não ter dormido a sesta. É claro que aquilo que aconteceu foi outra coisa: fiquei aterrorizado quando o vi, pese o facto de, em meses anteriores, me ter portado bem. Tive medo que ele me fizesse mal.

Apercebendo-se da situação algo incómoda em que a minha mãe se encontrava, o pediatra diria: “*Não se preocupe, esta reacção do seu filho é normal. Por volta dos seis meses, eles começam a ter medo das situações novas ou estranhas ou em relação às quais não têm contacto há algum tempo. É uma reacção normal de defesa contra situações susceptíveis de interferir com o seu bem-estar. Ele só se sente seguro quando está na companhia das pessoas com quem contacta diariamente.*”

Para evitar estas reacções haverá que dar algum tempo antes de os “estranhos” lhe pegarem. Terá de haver uma fase de namoro durante a qual o bebé se certificará que afinal o intruso não é inimigo, mas amigo”.

É óbvio que este meu terror em relação ao médico e o meu berreiro continuaram durante quase toda a observação e aumentaram substancialmente quando ele me deitou numa cama. Só me lembrei das picadas que tinha levado no mês anterior, no Centro de Saúde.

Quando tudo acabou e me vi vestido, apercebi-me de que o perigo tinha passado, e acreditem que até fui capaz de sorrir para o pediatra, que, apercebendo-se da minha reacção, logo se voltou para a minha mãe e disse: “*Já viu como o seu piolho é esperto? Viu que o perigo passou e deixou de chorar. Afinal, ele não tem medo de mim, das minhas barbas, tem é medo do “médico”, e tem toda a razão.*”

Há algum tempo, li uma entrevista com o médico, Dr. António Castro Jorge, onde ele, na altura com quase 90 anos, dizia: “*Livre-me Deus dos médicos!*” Ora se um homem com esta idade e experiência de vida diz isto, não nos poderemos admirar da reacção do seu filho em não gostar de médicos!”

Bonitas palavras estas!

Pena foi o pediatra ter, logo de seguida, estragado tudo ao recomendar à minha mãe a ida ao Centro de Saúde para eu fazer as vacinas do 6.º mês.

Depois de, ao quarto mês, ter iniciado as papas e ao quinto mês o puré de legumes e fruta, ao sexto mês era chegada a altura da introdução da carne na alimentação, carne essa que deveria ser “branca”, por ter menos problemas alérgicos e onde o frango ganha estatuto de rei. Só espero é que não tenha muitas “hormonas” ou “nitrofuranos”. Também a partir desta altura poderia comer papas com glúten, que até aos 6 meses estavam proibidas de serem utilizadas na minha alimentação. ■

### Nota:

Este texto é um excerto do relato da vida do Zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses, decidi, tal como a sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever, incumbiu essa tarefa ao seu pediatra.

Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril, 3 de Maio, 7 de Junho, 5 de Julho, 2 de Agosto e 4 de Outubro) foram publicadas as peripécias por que tem passado desde o nascimento.